

3

A Guerra Irã-Iraque

3.1

Introdução

A Guerra Irã-Iraque foi uma das guerras mais terríveis desde a Segunda Guerra Mundial, mais de um milhão de pessoas foram mortas e o conflito teve a longa duração de oito anos. (MEARSHEIMER & WALT, 2003) O resultado econômico da guerra foi desastroso para ambos os lados: o desenvolvimento econômico do Irã e do Iraque estacionou e as exportações de petróleo foram interrompidas.¹⁹ O conflito começou em setembro de 1980 e terminou em julho de 1988.

O conflito foi marcado pelo uso de armas químicas e biológicas. O Iraque utilizou armas de destruição em massa contra o exército iraniano, o que tornou o Irã o segundo país do mundo mais atingido por armas de destruição em massa, ficando atrás apenas do Japão. Outra característica do conflito foi o apoio oferecido por diversos Estados do Sistema Internacional ao Iraque de Saddam Hussein. A Europa, o Japão, a URSS e os EUA enviaram armamentos para o Iraque. Empresas ocidentais, inclusive americanas, venderam equipamentos e substâncias químicas para o desenvolvimento do projeto de armas de destruição em massa iraquiano.

Esta guerra foi responsável, então, por armar e equipar a força de guerra de Saddam Hussein. Todo o armamento enviado internacionalmente seria utilizado, posteriormente, para invadir o Kuwait em 1990. Os EUA e o Ocidente, temendo a Revolução Iraniana, apoiaram o Iraque durante o conflito. A República Islâmica do Irã tinha os EUA como principal inimigo, desta forma, a política externa americana não estava disposta a admitir a vitória de um inimigo declarado na região do Golfo Pérsico.

A Guerra Irã-Iraque e a Revolução Iraniana em 1979 foram responsáveis pela segunda crise de abastecimento energético mundial. Os preços do barril de petróleo mais que dobraram passando de U\$14,00 em 1978 para U\$ 35,00 em 1981. (Ernani, 2004, p. 19) Durante a guerra, grande parte da indústria petrolífera

¹⁹ Durante a guerra, os dois Estados gastaram em despesas de defesa cerca de US\$ 150 bilhões. MEARSHEIMER & WALT, 2003.

do Irã e do Iraque foi destruída. Ataques aéreos contra a infra-estrutura energética de ambos os países ocasionaram a interrupção abrupta da exportação de petróleo dos países beligerantes. O Golfo Pérsico, o *coração energético mundial*, era de grande importância estratégica para os EUA. Esta região possuía dois terços das reservas mundiais de petróleo e era responsável pelo suprimento energético da Europa Ocidental e do Japão, os aliados mais fortes dos EUA no contexto de Guerra Fria. Por estes motivos, os EUA participaram ativamente do conflito de modo a garantir seus *interesses nacionais vitais* nesta região.

3.2

A Revolução Iraniana

Em fevereiro de 1979, o regime do Xá Reza Pahlavi foi derrubado pela forte mobilização da sociedade iraniana. Depois de alguns meses de revolta civil, o governo autoritário monárquico do Irã estava chegando ao fim. Para a surpresa do Ocidente, o novo governo que ganhou o controle do Irã não provinha das elites iranianas nem mesmo dos movimentos esquerdistas que foram fortemente repreendidos pelo Xá, mas tinha origem num movimento conservador islâmico comandado pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini.

O reinado do Xá Reza Pahlavi foi uma monarquia totalitária que possuía duas características fundamentais: a primeira era a opressão violenta a qualquer tipo de oposição ao governo, a segunda era o projeto acelerado de desenvolvimento econômico seguindo o modelo Ocidental. Apesar dos elevados gastos pessoais do Xá e de sua família, o monarca conseguiu realizar um processo de modernização no Irã. Foram construídos durante o seu governo hospitais, escolas, universidades, usinas siderúrgicas, redes de estradas e rodagens e sistemas de comunicação. (MEDEIROS, 1981, p. 104)

Depois do Primeiro Choque do Petróleo em 1973²⁰ que ocasionou um aumento nos preços internacionais do petróleo, foi verificado um elevado índice de crescimento econômico no Irã. O governo do Xá instaurou um programa de desenvolvimento econômico denominado 'Revolução Branca'. O regime monárquico pretendia construir uma "nova sociedade", industrializada de acordo

²⁰ O grande aumento dos preços internacionais do petróleo foi conduzido pela OPEP. A reunião que determinou as altas nos preços do petróleo em 1973 contou com o apoio do Irã.

com o modelo de desenvolvimento do Ocidente. Porém, tal desenvolvimento objetivado pelo Xá não chegou a se concretizar:

"O programa de modernização do Xá _ que criou mais uma sociedade de consumo para elites privilegiadas do que um desenvolvimento autêntico _ rapidamente enriqueceu os membros da família real e a corte, os empresários (quase todos oriundos de grandes empresas ocidentais), os poderosos mercadores, os importadores de peças de montagem e bens de consumo, os especuladores (...)". (ROULEAU, 1980, p. 3)

A 'Revolução Branca' do Xá Reza Pahlavi não foi capaz de transformar a abundante renda oriunda do petróleo em desenvolvimento econômico e bem-estar para a população iraniana. O crescimento iraniano beneficiou muito pouco o povo devido a dois fatores principais: os altos gastos militares do governo e a corrupção da elite monárquica. A ambição de tornar o Irã uma potência bélica fez com que o governo gastasse um quarto do PIB em armamentos de guerra oriundos do exterior. (MEDEIROS, 1998, p.105)

A recessão sofrida pelo Irã a partir de 1976 contribuiu para a perda de popularidade do Xá. O aumento dos custos com a importação de bens de consumo não foi mais acompanhado pelos preços do petróleo no mercado internacional. O Xá foi obrigado a diminuir os créditos destinados ao processo de industrialização e desenvolvimento, antes alimentados pelos petrodólares oriundos do choque de 1973. Tal política econômica austera começou a tornar cada vez menos justificada a política de compras de armamentos do exterior, em sua maior parte dos EUA. Finalmente, o processo de corrupção da elite monárquica contribuiu ainda mais para a insatisfação popular. A título de exemplo, os bens financeiros do Xá Reza Pahlavi foram estimados pelo *Washington Post* (1978) em 26 bilhões de dólares. (Op.Cit., p. 115) Toda a riqueza e ostentação da família imperial não era mais tolerada por uma população pobre e oprimida.²¹

Somando-se a insatisfação do povo pelos elevados gastos com equipamentos militares e com a família imperial, o Xá Reza Pahlavi ainda emitiu uma série de medidas pouco populares: "o monarca fez aprovar uma lei de imprensa que punia com prisão qualquer crítica aos membros da família imperial.

²¹ Rui Medeiros em seu trabalho destacou os gastos "babilônicos" da família real Pahlavi: "os principais proprietários das fábricas de automóveis eram membros da realeza; dos três luxuosos cassinos, dois eram de propriedade de um irmão e uma irmã do imperador (MEDEIROS, 1998, p. 110); "As festas de Pérsépolis, em 1971, comemorativas dos 2500 anos da monarquia, às quais compareceram representantes de quase todos os governos do mundo, e nas quais foram despendidas somas incalculáveis, com *couvert* preparado pelo Maxim's de Paris" (Op.Cit.)

Emenda constitucional, aprovada sob pressão, dava poderes ao imperador de dissolver o Parlamento". (Op.Cit.) A natureza arbitrária do regime ameaçava os interesses da classe média que defendia a criação de um sistema constitucional que pudesse garantir a segurança material e a estabilidade política. Finalmente, toda a população iraniana demandava o fim do terror perpetrado pela SAVAK (Organização Nacional de Informação e Segurança), a polícia secreta do Irã:

"Durante 37 anos de reinado do Xá Mohammed Reza, mais de meio milhão de pessoas foram presas ou detidas, de forma breve ou por períodos longos. Milhares de oponentes ou suspeitos de oponentes foram enviados para cortes especiais; milhares foram vítimas de execuções sumárias ou assassinatos, ou morreram sob uma prática sistemática de tortura". (ROULEAU, 1980, p.4)

Grande parte da população iraniana associava o regime de opressão do Xá com os EUA. As razões para tal associação eram muitas. Primeiro, a restauração do trono do Xá Reza Pahlavi²² em 1953 contou com o apoio dos EUA, "desde 1953, ano em que a CIA participou de um golpe que restaurou o Xá do Irã ao seu trono, a relação americana com o Xá tem se fortalecido". (AMBROSE, 1999, p. 293) A partir de então, os EUA ofereceram apoio político, econômico e de polícia para o regime do Xá. "Era notório que a CIA trabalhava muito próxima a SAVAK, e o Pentágono ajudava a equipar e treinar as forças imperiais". (ROULEAU, 1980, p. 4) Os iranianos acusavam o monarca de trocar os petrodólares do Irã pela importação de bens de consumo, de produtos industriais e de armamentos, todos americanos. "Para os olhos de muitos iranianos, estas 'vendas' eram apenas meios de lotear os recursos de seu país". (Op.Cit.)

Deste modo, a revolução de 1978 e 1979 possuía dois aspectos fundamentais: afastar o "imperialismo americano" e acabar com o despotismo do Xá, considerados dois lados da mesma moeda. (Op.Cit.)

"Eles (os iranianos) sentiam que os Estados Unidos eram responsáveis pelos enormes gastos do Xá nas forças armadas, gastos que eram fora de proporção para as necessidades de segurança do Irã e eram designadas mais para proteger a posição do Xá do que para melhorar as condições do povo iraniano. Incontáveis iranianos acreditavam que os Estados Unidos eram os responsáveis pelo programa de modernização do Xá que na visão

²² Durante a Segunda Guerra Mundial, americanos e ingleses depuseram o Xá por sua aproximação junto à Alemanha nazista, substituindo-o por seu filho, Mohammed Reza Pahlavi. Em 1953, o Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh forçou o Xá Reza Pahlavi a deixar o país. No mesmo ano, o Xá voltou ao poder com o apoio da CIA americana e da SIS inglesa. ERNANI, 2004, p. 8.

deles violava a lei Islâmica fundamental e os costumes tradicionais da Pérsia". (AMBROSE, 1999, p. 294)

Em poucos anos, o processo de ocidentalização que o Xá implantou no Irã modificou a vida da população e desafiou principalmente o clero muçulmano. Aos poucos a resistência contra o Império foi se tornando cada vez mais religiosa, e o objetivo da revolução não era apenas instaurar uma república no Irã, mas sim uma república Islâmica. (MEDEIROS, 1998, p. 45) "Na metade de 1978, um único líder para a oposição iraniana emergiu. Ele era o Aiatolá Khomeini (...)". (Op.Cit., p.296) O Aiatolá defendia o retorno às origens do Islã, exaltando a virtude e a identidade nacional contra a ofensiva da tecnologia ocidental.

O movimento de revolução do Irã foi espontâneo e contou com a adesão da maior parte da população. O Xá sofreu o ataque tanto da direita, representada pelos clérigos que demandavam uma República Islâmica e um retrocesso com a modernização, quanto da esquerda, representada pelo *fedayeen* e que possuía ligações com a OLP. Esta união entre as diversas forças políticas do Irã tinha um "objetivo comum (neste caso, a derrubada da monarquia), explodiu sob uma pressão de forças centrífugas, refletindo os interesses, aspirações e tendências políticas de diversos grupos da população". (ROULEAU, 1980, p. 6)

Em Outubro de 1978, o Iraque expulsou o Aiatolá, cedendo às pressões do Xá Reza Pahlavi. O Aiatolá Khomeini, então, deixou o Iraque e foi se refugiar na França. Durante o seu exílio na França, o líder Khomeini passou a conclamar os fiéis a desafiarem o governo e a deporem o Xá. Durante a Revolução, circulavam clandestinamente nas cidades e no campo fitas cassete onde o Aiatolá designava os EUA como "a cabeça da serpente imperialista". (Op.Cit.) Depois de quase um ano de desordem social, com longas greves e insurreições contra a monarquia em praça pública, em Janeiro de 1979, o Xá Reza Pahlavi deixou o Irã com sua família, abrindo caminho para a volta do Aiatolá Khomeini ao país em fevereiro do mesmo ano. Dava-se início com isso, uma nova fase na história iraniana.

Os EUA receberam a notícia da Revolução Islâmica com um misto de perplexidade e insatisfação, uma vez que não sabiam da fragilidade política do Xá, e a queda do regime do Xá no Irã representaria a perda de um forte aliado na região do *coração energético mundial*: "Washington não tinha, no entanto, conhecimento do Estado avançado de esfacelamento por que passava o regime do

Xá. Em um clima de surpresa, os EUA assistiram, ao longo de 1978, à rápida e irreversível deterioração do quadro político no Irã". (ERNANI, 2004, p. 19)

Em Julho de 1979, o visto de 60 dias do Xá Reza Pahlavi em Bahamas terminou e a administração Carter, depois de inúmeras tentativas fracassadas, conseguiu persuadir o México a conceder um visto de turismo de seis meses para o Xá. Carter estava sob intensa pressão para permitir a entrada do Xá nos EUA, e finalmente em Novembro de 1979, o Presidente permitiu a sua entrada por razões humanitárias, já que o antigo líder iraniano deveria fazer um tratamento de saúde em território americano, "O Xá somente poderia receber os medicamentos adequados para o seu tratamento de câncer num hospital de Nova York". (AMBROSE, 1999, p. 297) Em retaliação ao apoio oferecido ao Xá pelos EUA, estudantes iranianos invadiram a embaixada americana em Teerã e funcionários americanos foram presos e mantidos como reféns.

Apesar do Aiatolá Khomeini ter repreendido a ação contra a embaixada americana no primeiro momento, logo o líder iraniano utilizaria estes reféns como moeda de troca com o governo americano. Apesar das dificuldades de estabelecer uma negociação com um país sem um governo estável, o diálogo entre o Aiatolá e Washington começou através do recém eleito Presidente do Irã, Mussa Bani Sadr. O Irã exigiu o retorno do Xá para o Irã, o retorno dos bens do Xá para o povo iraniano, o reconhecimento de que os EUA seriam culpados pelas ações no Irã do passado, e finalmente, a promessa dos EUA de que não iriam mais interferir nos assuntos iranianos no futuro. As demandas iranianas foram rejeitadas pelo governo americano, e o Presidente Carter ameaçou aumentar as sanções contra o Irã, incluindo a retirada imediata dos estudantes iranianos que estavam nos EUA.²³

A chamada 'crise dos reféns de Teerã' durou catorze meses e, segundo Ambrose (1999, p. 297), demonstrou a incapacidade da administração Carter de garantir *o interesse nacional vital* dos EUA na região do Golfo. Os reféns foram finalmente liberados no último dia da administração Carter no poder, o que veio tarde demais, já que Carter havia sido derrotado por Reagan nas urnas em novembro de 1980. A administração Carter não soube o que fazer com a

²³ Os EUA já tinham aplicado duas sanções contra o Irã, mas que não obtiveram o efeito desejado. Eram elas: corte das vendas de equipamento militar americano para o Irã e o embargo contra o petróleo iraniano. AMBROSE, 1999, p. 298.

emergência de um Aiatolá no poder do Irã. Carter estava acostumado a pensar exclusivamente em termos de Guerra Fria, e desta forma, se mostrou incapaz de se ajustar a uma revolução fundamentalista religiosa que atacava tanto os EUA como a URSS.

3.2.1

O Segundo Choque do Petróleo e a ameaça ao interesse nacional vital dos EUA no Golfo

Em 1973, a OPEP²⁴ liderada pela Arábia Saudita decidiu que não iria mais vender petróleo para os EUA e para alguns países da Europa. O embargo econômico aplicado pela OPEP era uma retaliação pela ajuda dos países ocidentais a Israel, durante a Guerra do Yom Kippur.²⁵ A interrupção no abastecimento energético de 1973 demonstrou a vulnerabilidade do Ocidente e a dependência às fontes de abastecimento do Golfo Pérsico. O preço do petróleo em 1972 era de US\$ 3,00 por barril, e em 1974 este valor tinha quadruplicado para US\$12,00 o barril. Em 1973, os países da OPEP cortaram a produção de cinco milhões de barris de petróleo por dia (b/d) e os demais países exportadores de petróleo só conseguiram aumentar sua produção em um milhão de b/d.

Esta foi a primeira vez que um grupo de países exportadores de *commodities* conseguiu questionar a ordem do sistema econômico internacional. O petróleo era um recurso fóssil, não renovável, e principal fonte energética das economias industrializadas. Até 1973, os preços do petróleo eram formados considerando apenas as forças de mercado, ou seja, a oferta e a demanda de petróleo no curto prazo. Porém, com o Primeiro Choque do Petróleo em 1973, os países da OPEP mostraram ao mundo que o petróleo era um recurso finito e que apenas alguns Estados possuíam esta fonte de energia em seu território. Os países industrializados e maiores consumidores de petróleo foram os mais prejudicados com o choque de abastecimento mundial: faltou gasolina nos postos de abastecimento, fábricas pararam de funcionar por falta de energia e empregados

²⁴ A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) foi fundada em 1960 com o objetivo de valorizar o preço internacional do barril de petróleo e contava com apenas cinco membros na época: Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela. Somente a partir de 1970, a OPEP conseguiu obter uma participação ativa como formadora do preço internacional de petróleo.

²⁵ A guerra do Yom Kippur começou em 5 de Outubro de 1973, quando Síria e Egito invadiram Israel.

foram demitidos. A escassez de energia gerou inflação e as economias industrializadas entraram em recessão.

Depois do choque de 1973, o Presidente Nixon desenvolveu uma política que conseguiu limitar o aumento dos preços do barril de petróleo. Em 1975, o barril do petróleo foi para US\$11,46, e em 1977 para US\$12,70. Para tal, Nixon iniciou um modelo de ordenamento do mercado de petróleo baseado no acordo entre EUA, Irã e Arábia Saudita. O Irã era o segundo maior exportador do Golfo Pérsico, e em conjunto com a Arábia Saudita representava 48% das exportações da OPEP. Desta forma, os EUA acreditavam que o poder de mercado da Arábia Saudita junto com o Irã impediria um novo choque como o de 1973. (Ermani, 2004, p. 19)

A administração Carter seguiu o mesmo modelo de mercado deixado por Nixon e, em troca do apoio iraniano, os EUA continuaram vendendo armamentos para o projeto do Xá de transformar o Irã numa potência bélica. Segundo o Presidente Nixon: “o Irã era o melhor amigo da América no Oriente Médio, o principal parceiro na política de contenção dos soviéticos e o único fornecedor confiável de petróleo para o Ocidente”. (AMBROSE, 1999, p. 293)

O Presidente Carter seguiu e intensificou a política adotada pelos Presidentes anteriores com relação ao Irã. “As vendas americanas (de armamentos) para o Irã que tinham totalizado mais de US\$ 1.2 bilhões em vinte e dois anos, desde 1950 aumentaram aproximadamente 16 vezes em um total de US\$ 19.5 bilhões entre 1972 e 1979”. (Op.Cit., p. 295) Em uma visita ao Irã em 1977, Carter declarou que “o Irã, devido a grande liderança do Xá, é uma ilha de estabilidade em uma das mais problemáticas áreas do mundo”. (Op.Cit.)

De fato, a política desenvolvida por Nixon e seguida por outros Presidentes americanos para garantir a estabilidade dos preços internacionais do petróleo, ia além da esfera econômica. Conhecida como *Surrogate Strategy*, o acordo entre Arábia Saudita e Irã com os EUA garantiu o equilíbrio geopolítico no *coração energético mundial* para os EUA, durante a maior parte da década de 1970. (KLARE, 2002, p.60) Como foi discutido no capítulo 1, para garantir seu *interesse nacional vital* no Golfo Pérsico, os EUA utilizaram a estratégia do *pluralismo geopolítico* na região do Golfo. Seguindo o *pluralismo geopolítico*, os EUA procuraram não permitir a emergência de um hegemon regional no Golfo Pérsico, através da manutenção do equilíbrio de poder na região.

A *Surrogate Strategy* era uma política, desenvolvida pelos EUA, que fazia parte da estratégia do *pluralismo geopolítico* americano. A *Surrogate Strategy* utilizava os poderes locais amigáveis, Arábia Saudita e Irã, para “servir como guardiões dos interesses ocidentais, com uma assistência militar dos EUA substancial e direção estratégica vinda de Washington”. (Op.Cit.)

Foi seguindo esta estratégia que os EUA venderam ao Irã mais de US\$20 bilhões em armamentos sofisticados na década de 1970, construindo o que o Gerry E. Studts of Massachusetts chamou de “a mais rápida construção de um poder militar em condições de paz de qualquer nação da história do mundo”. (Op.Cit.) No entanto, se o envio maciço de armamentos para o Irã serviu para proteger o Xá de seus inimigos externos, o mesmo não se verificou com relação aos seus oponentes domésticos.

A Revolução Iraniana de 1979 colocou fim na ordem de mercado baseada no acordo americano com a Arábia Saudita e o Irã, e derrubou o maior aliado dos EUA no Golfo Pérsico ao colocar no poder o Aiatolá Ruholla Khomeini. A queda do governo monárquico iraniano pró Ocidente ocasionou o Segundo Choque do Petróleo. O mercado internacional de petróleo voltou ao caos e a interrupção da oferta de petróleo do Irã gerou uma redução na oferta internacional de 4 milhões de b/d. Como o mercado de petróleo era de 50 milhões de b/d, o impacto de uma redução de 4 milhões de b/d representava a queda de 8% da oferta global. A Arábia Saudita junto com outros produtores de petróleo tentaram estabilizar o mercado e aumentaram suas exportações em 2 milhões de b/d. Porém, os preços passaram de US\$14,00 o barril de 1978 para US\$ 34,00 em 1979. (ERNANI, 2004, p.19)

Para a estratégia geopolítica americana, a instauração da República Islâmica no Irã representou a perda de um forte aliado na região do *coração energético mundial* e o fim da *Surrogate Strategy*. A histórica relação de amizade entre a monarquia iraniana e os EUA assegurou para os americanos a manutenção de seu *interesse nacional vital* no Golfo Pérsico por décadas. No entanto, a nova República Islâmica do Irã acreditava que a relação amistosa entre o Xá e Washington era uma “evidência de uma participação perniciosa e herege com o Ocidente” (KLARE, 2002, p.60), e desta forma, Khomeini cuidou de romper rapidamente a antiga relação de amizade do Xá com os EUA, “a cabeça da serpente imperialista”. O Aiatolá iraniano acusou os monopólios internacionais de

lotearem os recursos do Irã e reclamou quanto à dominação dos capitais externos que estariam destruindo os fundos públicos. (ROULEAU, 1980, p. 6) “De fato, exceto entre a elite iraniana, o sentimento antiamericano era forte e crescente”. (AMBROSE, 1999, p. 294)

Deste modo, a queda de um dos ‘pilares’ da estratégia americana para a região, o Irã do Xá Reza Pahlavi, inviabilizou a continuação do *Surrogate Strategy* para manter o *pluralismo geopolítico*. A Arábia Saudita era fraca militarmente para manter a *Surrogate Strategy* sem o Irã. Assim, os EUA tiveram que assumir um papel mais direto no Golfo Pérsico para garantir a manutenção de seus interesses na região.

3.3

A República Iraquiana e a Guerra

A República iraquiana nasceu em 14 de Julho de 1958 através de um golpe de Estado militar promovido pelo Brigadeiro ‘Abd el-Karim Qasem e pelo Coronel ‘Abd el-Salam Aref. A nova República colocou fim na desprestigiada monarquia hachemí do rei Faisal II. Depois de uma década de convulsões políticas e golpes de Estado provenientes da divisão política interna entre comunistas, nasseristas e baatistas; Ahmad Hasan al-Bakr conseguiu finalmente em 1968 levar ao poder o partido Baat (Partido Socialista da Ressurreição Árabe) no Iraque. (MUÑOZ, 1999, p. 103)

Ao lado de al-Bakr estava Saddam Hussein, ambos da região de Tikrit. Hussein nasceu em 1937 em uma família de camponeses, e, desde muito jovem participou do partido Baat. Juntos al-Bakr e Hussein conduziram politicamente o Iraque, assegurando a coesão do partido através da hegemonia do "clã dos Tikriti". (Op.Cit.) As primeiras eleições depois da Monarquia só foram convocadas em 1979, em um momento de grande instabilidade interna e externa do regime iraquiano. Internamente, a doença do Presidente Ahmad Hasan al-Bakr apontou a necessidade de preparação do seu sucessor Saddam Hussein. No entanto, Hussein precisava se legitimar entre os militares e assegurar sua liderança entre alguns setores do partido Baat. De outro lado, acontecimentos externos como a Revolução Iraniana de 1979, tiveram forte impacto na política iraquiana.

É importante salientar aqui que desde que assumiu o poder, o regime Baatista colocou em prática uma dupla estratégia contra as forças de oposição ao regime: aplicar programas de endoutrinamento em massa e aniquilar todas as forças consideradas inimigas. Esta estratégia fomentou a efervescência e a organização do islamismo xiita iraquiano. Tal mobilização se tornou ainda mais inquietante para o regime porque os xiitas representavam nos anos oitenta de 65 a 70 % da população, e 10% eram Curdos. (Op.Cit., p.104) A elite árabe sunita de Bagdá era uma minoria em seu próprio centro de poder, correspondendo a não mais de 20% da população. Segundo Ajami (1988, p.137), o Estado iraquiano era "um mosaico de árabes sunitas que dominam uma grande maioria de xiitas e uma minoria de Curdos alienados da vida política do país".

O regime do Aiatolá Khomeini buscou se aproximar da população xiita iraquiana. Esta aproximação desencadeou uma dura campanha promovida pelo governo do Iraque contra os dirigentes religiosos xiitas no sul iraquiano. O líder xiita iraquiano, Aiatolá Mohammed Baqr al Sadr, vinculado a Khomeini e decidido defensor da revolução Islâmica nos países árabes, era conhecido como o "Khomeini do Iraque". (Op.Cit, p.141) Ele foi preso e depois executado em abril de 1980. A repressão contra os xiitas no Iraque gerou centenas de execuções, mais de 10.000 presos e outros tantos deportados para o Irã. (MUÑOZ, 1999, p.105)

Diante deste cenário, o Presidente iraquiano precisava reforçar sua legitimidade e formar uma unidade nacional em torno do partido Baat e de seu líder. O maior objetivo de Saddam Hussein era abafar a resistência interna curda e xiita, formando uma coesão nacional.

A aproximação da República Islâmica do Irã junto à população xiita do Iraque foi compreendida pelo Iraque como uma intervenção externa nos assuntos internos do país. Deste modo, as relações entre Irã e Iraque começaram a se deteriorar. Um possível conflito entre o Iraque e o Irã era visto por Saddam Hussein como uma oportunidade de formar a coesão nacional necessária para legitimar o seu governo. Uma guerra teria a capacidade de abafar as dissidências internas de curdos e xiitas.

Em Junho de 1979, as relações entre Irã e Iraque foram afetadas pela violação de fronteiras por parte do Iraque durante operações contra dissidentes curdos. (KING, 1987, p. 7) A partir de Outubro de 1979, ambos os regimes

começaram a trocar acusações. O embaixador do Iraque em Beirute fez uma declaração pública pedindo uma demonstração de 'boa fé' por parte do governo iraniano:

"Pelo abandono do injusto Acordo de Argel de 1975; pelo retorno aos donos anteriores das Ilhas 'Árabes' do Golfo _ Tunb e Abu Musa_ que o Xá dominou em 1971; ²⁶ e pela garantia de maior autonomia de suas minorias (árabes), incluindo os povos de língua árabe da região do Cuzequistão". (Op.Cit.)

A crítica do embaixador ao Acordo de Argel demonstrou o ressentimento iraquiano acerca da perda de territórios para o Irã. O acordo de Argel firmado em 1975 entre o Iraque e o Irã estabeleceu que a margem esquerda do rio Chat al 'Arab faria parte do Irã. Em retribuição o Iraque esperava que o Xá iraniano parasse de apoiar a rebelião dos Curdos no Iraque. ²⁷

Em 8 de março de 1980, o Irã anunciou que iria retirar seu embaixador de Bagdá em protesto contra a contínua interferência do Iraque nos assuntos iranianos. Foi no fim de Março que as relações entre Irã e Iraque se tornaram mais tensas, quando em uma visita à Universidade Mustansirriyya, Tariq Aziz, o Ministro das Relações Exteriores iraquiano, sofreu uma tentativa de assassinato. O governo do Iraque atribuiu rapidamente ao atentado à participação iraniana e iniciou uma campanha de expulsão em larga escala de pessoas de origem iraniana do Iraque.

Em abril de 1980, o governo iraniano ordenou que todo seu corpo diplomático retornasse para o Irã, e ambos os países colocaram suas forças armadas em alerta. Os demais Estados do Golfo Pérsico temiam este clima de conflito e alguns observadores árabes temiam que o Iraque planejasse retomar a margem esquerda do rio Chat al 'Arab e as Ilhas do Golfo, iniciando uma guerra contra o Irã:

"As ameaças eram simultaneamente mais freqüentes e menos ambíguas do que antes: a propaganda iraquiana acusava os iranianos de persas racistas, enquanto o Aiatolá Khomeini, entre outras declarações, conclamava publicamente os iraquianos a se revoltarem". (Op.Cit., p.8)

²⁶ A Ilha Abu Musa pertencia a Sarjah, e as Ilhas Tunbs ao Ra's al-Khaymah. Elas foram ocupadas pelas forças iranianas em novembro de 1971, imediatamente depois da retirada oficial das forças britânicas do Golfo. O Irã alegou contigüidade territorial e direito histórico para justificar a anexação das Ilhas. KING, 1987, p. 24.

²⁷ O Acordo de Argel de 6 de março de 1975 colocou um fim temporário nas disputas de fronteiras entre Irã e Iraque, e na intervenção iraniana junto aos dissidentes curdos no Iraque. Op. Cit.

Os demais regimes do Golfo foram em defesa do Iraque temendo a expansão da revolução promovida pelo Aiatolá no Irã. O Presidente iraniano Banni-Sadr aumentou as tensões afirmando que o Irã iria para a guerra se fosse necessário. (Op.Cit.) No fim de maio o conflito armado teve início, a força aérea iraquiana atacou o Irã num território próximo a Qasr-e-Shirin, e a partir deste momento, ataques violentos entre os dois países se seguiram.

Em 10 de setembro, o Iraque anunciou que suas forças tinham tomado Zayn al-Qaws juntamente com outros territórios e que o Irã "deveria devolver" porque foram anexados através do Acordo de Argel. Em 17 de Setembro de 1980, o Iraque declarou que não respeitaria mais o Acordo de 1975, uma vez que o Irã teria violado o mesmo. Segundo Saddam Hussein, o Irã violou o Acordo por não ter contido os insurgentes curdos e assim não conseguiu devolver ao Iraque o território específico que os curdos ocupavam. De fato, de acordo com o artigo quarto do Tratado de Argel, caso fosse violado qualquer parte do Tratado, todo o documento estaria invalidado. (Op.Cit)

Assim, depois de abandonar o Acordo de Argel de 1975, o Iraque anunciou que qualquer barco que passasse pelo rio Chat al Arab' deveria pagar uma taxa para o Iraque. A partir de então, a guerra entre Irã e Iraque se tornou praticamente inevitável. Em todo o mundo se discutia o perigo de um conflito armado numa região tão sensível. O Iraque continuou ocupando terras que seriam suas "por direito" e os conflitos ao longo da fronteira se intensificaram.

Em 20 de Setembro o Irã iniciou uma mobilização militar em larga escala, enquanto o Iraque continuava com sua campanha diplomática para justificar suas ações nas fronteiras. No dia seguinte, batalhas navais ocorreram no Chat al Arab'. Para a Comunidade Internacional o início da guerra foi em 22 de setembro de 1980, dia em que os aviões iraquianos atacaram alvos dentro do Irã, muito além das fronteiras. Em 23 de Setembro o Iraque reuniu forças e iniciou uma invasão maciça contra o território iraniano. (Op.Cit., p. 7)

3.4.

O Iraque perde no campo de batalha, mas ganha na diplomacia e na economia

O aumento considerável da produção petrolífera iraquiana foi cada vez mais sendo utilizado para adquirir um arsenal de guerra junto à União Soviética e

Europa Ocidental. Saddam Hussein pretendia "*aproveitar a desorganização do exército do Xá, consecutiva à revolução dirigida pelos Aiatolás*" (LACOSTE 1994, p. 303) e atacar o Irã que estaria mais vulnerável depois de tantos meses de conflito interno. Saddam Hussein pretendia aproveitar a conjuntura favorável para iniciar uma guerra contra o Irã.

A recente Revolução Iraniana que retirou do poder o Xá era vista com desconfiança por muitos países. A República Islâmica do Aiatolá Khomeini pretendia afastar do Irã qualquer influência do Ocidente, e principalmente dos EUA. Além disso, o Aiatolá dirigia duras críticas ao comunismo da URSS. (KING, 1987, p. 7) Não era difícil perceber que se o Irã participasse de uma guerra naquele momento, ele não contaria com o apoio internacional. Desta forma, Saddam Hussein iniciou a invasão no território iraniano apostando duplamente na fragilidade do Irã pós-Revolução. Primeiro apostou na fragilidade externa do novo regime que não contava com aliados, e segundo, apostou na fragilidade interna de um país que acabava de sair de uma guerra civil.

O primeiro objetivo do Presidente iraquiano era recuperar a margem esquerda do rio Chat al Arab'. Posteriormente, Hussein esperava também dominar a grande província petrolífera do Cuzequistão que já fora povoada pelos árabes, mas que havia sido anexada pelo Aiatolá iraniano numa expansão do Estado Islâmico:

"Na guerra contra o Irã (1980-1988), sob o pretexto de um conflito de fronteiras, o Iraque já havia formado um exército sólido, patriota, forte e bem equipado, financiado através da máquina petrolífera, que permitiu ao Iraque adquirir na Europa Ocidental e na União Soviética um material de guerra poderoso e moderno". (LACOSTE 1994, p. 303)

No entanto, desde 1982, o Irã levou o Iraque para dentro de suas fronteiras, o Irã "*começou a vencer a guerra lentamente no campo de batalha enquanto perdia nas esferas econômica e diplomática*". (SEGAL, 1988, p. 946) Na ocasião da guerra, o Irã contava com 6,2 milhões de homens preparados para o serviço militar e com uma população de 45,2 milhões. Já o Iraque contava com uma população de 15,5 milhões e com 2,03 milhões de homens preparados para a guerra. (Op.Cit.) Desta forma, ainda que o Irã não ganhasse em qualidade do exército, ele ultrapassava em três vezes a quantidade de homens do Iraque.

Além da vantagem em efetivo militar e populacional, durante o período de governo do Xá Reza Pahlavi, o Irã investiu US\$ 30 bilhões em armas compradas

dos países ocidentais, principalmente dos EUA. O Irã recebeu armamentos sofisticados, muitos deles mais modernos que os usados pela OTAN. Os armamentos iranianos incluíam caça-bombardeiros; aviões *Phanton*, com frota adicional de reabastecimento durante os vôos; tanques; *destroyers* equipados com projéteis teleguiados; e, aparelhos munidos de radares e dispositivos eletrônicos para detectar aviões inimigos e orientar os aviões de defesa. (MEDEIROS, 1998) O Xá construiu durante o seu governo duas bases aeronavais providas de míssil terra-terra e bombas guiadas por raio laser para o controle do Golfo. Além disso, já existiam bases norte-americanas destinadas a rastrear mísseis e satélites soviéticos.

A Guerra aconteceu em uma área de 1174 quilômetros que começava na Turquia e terminava no Golfo Pérsico, e, desde 1982, o campo de batalha aproximadamente coincidiu com a fronteira internacional. A partir de 1982, o Irã intensificou seus ataques no sul do Iraque. Ganhando terreno no sul iraquiano, o Irã impediria o acesso ao rio Chat al Arab' e ao Golfo Pérsico pelo Iraque. Além disso, o Irã poderia conquistar a segunda maior cidade iraquiana, Basra, juntamente com o principal porto do Iraque. O Irã acreditava que ao tomar Basra enfraqueceria a moral do Presidente Saddam Hussein e desta forma estaria mais próximo da vitória. (SEGAL, 1988, p. 946)

Deste modo, o principal objetivo militar do Irã durante muito tempo foi tomar Basra, porém, o "Irã tinha ainda que aprender (...) que guerras são vencidas destruindo as forças armadas do inimigo no campo de batalha e (destruindo) sua capacidade econômica de se manter no conflito". (Op.Cit., p. 948) Deste modo, como o Irã não conseguiu interromper o fornecimento de armas e provimentos para o Iraque, mesmo a conquista territorial de Basra não seria suficiente para determinar o fim da guerra.

De fato, o Irã conseguiu realizar importantes conquistas territoriais ao sul do Iraque. Através da infiltração de pequenos grupos de artilharia bem equipados, o Irã fechou o acesso à parte da Rodovia 6, que liga Basra a Bagdá, impedindo a chegada de suprimentos e armamentos de Bagdá para o campo de batalha. (Op.Cit.) Em fevereiro de 1986, o Irã conseguiu tomar a Península do Fao, no sul iraquiano. Depois de conquistar a maior parte da base naval iraquiana, o Irã ameaçou tomar toda a costa do Iraque.

Porém, em abril deste mesmo ano uma ofensiva iraquiana retomou completamente a Península do Fao e fez os iranianos retornarem às posições anteriores a 1986. Esta era a primeira ofensiva iraquiana desde 1982, quando o Irã conseguiu penetrar no território iraquiano. A ofensiva não foi muito importante do ponto de vista militar, porque o rio Chat al Arab' continuava fechado para a navegação iraquiana, assim como o porto de Fao. Porém, o mais importante para o Iraque era que pela primeira vez desde 1981, o Irã ficou na defensiva. (Op.Cit., p. 950)

Apesar do Irã ter ficado numa posição ofensiva frente ao conflito durante seis anos consecutivos, ele não conseguiu tirar vantagem de sua posição e vencer a guerra. A logística de guerra do Iraque era muito melhor que a do Irã, deste modo, a desarticulação do Irã não permitiu que ele chegasse a vitória. O Irã enfrentou dois problemas principais durante o conflito: a falta de fornecedores de armamentos e diferentes padrões de armamentos.

As forças armadas do Iraque estavam organizadas segundo o modelo soviético. Este modelo é mais resistente e fácil de manusear sob condições precárias, se tornando uma vantagem para o exército iraquiano. O fornecimento de armamentos era feito principalmente pela própria URSS e pela China. Já o Irã começou a guerra utilizando equipamento americano ou do Ocidente, adquiridos durante o período do Xá. O modelo ocidental ou americano de armamentos apresentava a desvantagem do manuseio ser mais complexo e de difícil manutenção. Além disso, as relações hostis mantidas pela República Islâmica com todo o Ocidente tornaram praticamente impossível repor e adquirir munição para tais armamentos. Desta forma, o Irã se viu forçado a adquirir armamentos do modelo não ocidental para poder continuar lutando a guerra.

O Irã conseguiu armamentos do modelo soviético com a Síria, Líbia, Coreia do Norte, China, e da própria URSS. (Op.Cit., p.951) Ao contrário do Irã, o Iraque possuía diversos fornecedores para o suprimento de seus armamentos incluindo França, Brasil, Áustria e China. O isolamento do Irã não permitiu que ele contasse com empréstimos internacionais para a compra de armamentos.

3.4.1 O Irã-Contras

Apesar das duras críticas trocadas pelo Aiatolá Khomeini e pelo Presidente Reagan durante a Guerra do Golfo, os dois governantes participaram de um acordo comum, durante o conflito, que deveria beneficiar ambas as partes. Tal acordo aconteceu porque a credibilidade de Reagan estava em risco. No Líbano reféns americanos foram aprisionados por revolucionários seguidores do Aiatolá Khomeini que demandavam um resgate para libertação dos reféns.

Simultaneamente na América Central, o Presidente Reagan utilizou o serviço secreto americano para apoiar os Contras, um grupo armado que combatia o governo sandinista da Nicarágua. “A CIA, enquanto isso, numa violação específica da lei proveu os Contras com assistência militar, incluindo inteligência, armas e suprimentos”. (AMBROSE, 1999, p. 326) No entanto, mesmo com o contínuo apoio da administração Reagan aos Contras, eles não conseguiram obter uma única vitória. Eles não tinham apoio popular, não controlavam nenhuma cidade e não contavam nem mesmo com um único líder ou um programa de governo. “Portanto, era um grupo privado de terroristas, sustentado, equipado e apoiado pela Casa Branca e a CIA. Seu objetivo era derrubar o governo Sandinista”. (Op.Cit.)

Reagan tentou conseguir fundos com o Congresso para financiar os Contras afirmando que os Contras eram “nossos irmãos” e que a Nicarágua seria agora “um Estado totalitário comunista”. No entanto, desde 1984, o Congresso americano se recusou a liberar recursos para o patrocínio dos Contras na Nicarágua. Deste modo, o fracasso dos Contras e com isso o colapso da política externa do Presidente Reagan para a América Central estariam iminentes.

Em vista do momento de crise que o Presidente Reagan passava com relação a sua política externa, a administração Reagan idealizou um plano que resolveria simultaneamente a crise na Nicarágua e no Oriente Médio. O plano conhecido como Irã-Contras era secreto e violava a lei americana em vários aspectos. O Irã-Contras tinha três objetivos fundamentais, o primeiro era garantir uma maior aproximação entre a administração Reagan e o Aiatolá Khomeini através da venda de armas para o Irã durante a guerra contra o Iraque:

“O grande plano de Reagan era vender armas ao Irã, assim como ele prometeu a Khomeini que faria durante a campanha eleitoral de 1980. O equipamento militar do Irã, adquirido pelo Xá, era praticamente todo fabricado pelos EUA e a guerra com o Iraque ocasionou no Irã um apetite insaciável por armas e munições americanas. Reagan acreditava que

vendendo armas para o Irã ele poderia criar um novo começo para as relações EUA-Irã, talvez prevalecendo à proximidade dos dias do Xá". (Op.Cit., p. 328)

O segundo objetivo do Irã-Contras era conseguir como um ato de boa vontade e gratidão de Khomeini à libertação dos reféns no Líbano. Além disso, as armas seriam vendidas para o Irã através dos Contras da Nicarágua que poderiam cobrar até duas ou três vezes o valor das armas, e com isso poderiam se financiar e manter o conflito contra o governo sandinista, este era o terceiro objetivo.

A administração Reagan operou seu plano em segredo. Segundo Ambrose, Reagan errou ao não informar seus objetivos ao Departamento de Estado e a seu Secretário de Estado e ao não ter construído uma base burocrática para a sua política de envio de armas para o Irã. Em público, diferentemente, Reagan alegava que nunca, não importasse os benefícios, venderia armas para o Irã, e motivou outros Estados a imporem o embargo de armas do Irã, assim como ele dizia que os EUA estavam fazendo. (Op.Cit., p. 328-329) O comitê do Congresso americano ao analisar o Irã-Contras concluiu que vender armas em troca de reféns e ainda conseguir algum lucro para os Contras, significava que a administração Reagan tinha comprado "confusão e desorganização nos altos níveis do governo, desonestidade evasiva, segredo excessivo, enganado e desdenhado a lei". (Op.Cit., p. 340)

David Segal destacou que a decisão iraniana de atacar a Península do Fao, conseguindo uma vitória importante para o Irã durante a Guerra Irã-Iraque, foi motivada pela ajuda americana através de fotos de satélites que demonstravam a vulnerabilidade iraquiana na região, "a decisão do Irã de atacar a península do Fao foi baseada em fotos de satélite e inteligência provida pelos Estados Unidos. Estas acusações foram posteriormente confirmadas pelo testemunho de Oliver North em 1987". (SEGAL, 1988, p. 950)

No entanto, a ajuda americana ao Irã era secreta e não tinha uma motivação genuína em ajudar Khomeini a ganhar o conflito contra o Iraque. "De fato, os empréstimos de longo prazo que Reagan estava simultaneamente oferecendo ao Iraque, com uma importante inteligência militar fornecida pelos Satélites americanos espões, asseguravam que mesmo com as armas americanas, o Irã não poderia ganhar a guerra". (AMBROSE, 1999, p. 328)

A suposta política contraditória da administração Reagan visava manter o *pluralismo geopolítico* no Golfo Pérsico. A ajuda ao Aiatolá Khomeini visava

uma aproximação americana junto ao Irã, com o objetivo de um retorno das relações privilegiadas que os EUA possuíam na época do Xá Reza Pahlavi. Ao mesmo tempo, os EUA apoiaram o Iraque evitando que o Irã ganhasse a guerra, e com isso, se tornasse um hegemôn regional.

Enquanto isso, a Guerra Irã-Iraque em 1985, já se tornava a terceira mais cara e mais longa guerra do século, sem previsão de término. Reagan continuou secretamente vendendo armas para o Irã, enquanto fazia discursos acalorados contra o governo do Aiatolá Khomeini. Segundo Kemp, “poucos poderiam discordar que a intervenção no Líbano e o Irã-Contras foram os piores erros da administração Reagan”. (KEMP, 1988/89, p. 147)

3.5.

A estratégia americana: o pluralismo geopolítico

3.5.1

A Doutrina Carter e o acesso às fontes petrolíferas do Golfo Pérsico

O último ano da administração do Presidente Carter foi marcado por dois eventos que iriam iniciar uma fase de contínua crise para a política externa americana: a invasão soviética no Afeganistão e a Guerra Irã-Iraque. Dentro do contexto de Guerra Fria, a crise no Golfo Pérsico tornou-se ainda mais profunda e ameaçadora para o governo americano, uma vez que os EUA atravessavam um momento em que o balanço global do poder militar parecia estar mudando em favor da URSS. (TUCKER, 1988, p.1)

Desde 1970, as armas soviéticas estratégicas ou convencionais cresceram numa taxa que poderia colocar em cheque a capacidade do Ocidente de dissuasão e de defesa. (Op.Cit.) Este crescimento foi acompanhado por um aumento da influência de Moscou nos países em desenvolvimento. A ameaça para os EUA foi ainda maior porque parte do mundo em desenvolvimento onde a URSS exercia a sua influência encontrava-se em regiões próximas ao Golfo Pérsico.

Os EUA rapidamente identificaram o perigo, já que a região do Golfo era a responsável por fornecer a energia indispensável para os aliados americanos da Europa e para o Japão. Desta forma, quando o Xá do Irã foi derrubado por forças Islâmicas militantes e ocorreu o Segundo Choque do Petróleo, o Presidente Carter foi direto ao alertar que usaria a força, caso algum adversário tentasse impedir o

fluxo de petróleo na área do Golfo Pérsico. Em Janeiro de 1980, o Presidente Carter declarou que qualquer ameaça ao Golfo por um poder externo seria considerado um ataque aos *interesses nacionais vitais* dos EUA e “será reprimido por todos os meios necessários, inclusive o uso da força militar”. (KLARE, 2002, p.33) O princípio que defendia o uso da força para garantir o interesse americano no Golfo Pérsico ficou conhecido como ‘Doutrina Carter’ e, a partir deste momento, seria colocado em teste diversas vezes por diversos governos americanos.

Seguindo o seu pronunciamento, a administração Carter formou um grupo de combate com base nos EUA, mas que estaria disponível para ser utilizado no Golfo Pérsico se fosse necessário. Além disso, o Presidente Carter adquiriu novas bases militares no Golfo e expandiu sua presença nos mares da região, o “deslocamento de uma força naval dos EUA permanente no Golfo, com sua base em Bahrain” (Op.Cit., p. 61) foi uma das ações para intensificar a presença americana na região do *coração energético mundial*.

O *interesse nacional vital* americano mais importante no Golfo Pérsico era garantir o acesso às fontes energéticas, já que embora os EUA importem relativamente pouco petróleo da região, ela "*produz dois terços da exportação mundial de petróleo, provendo a maior parte da energia necessária para nossos aliados europeus e Japão*". Como destacou o Presidente Carter em 16 de Janeiro de 1981:

"A guerra entre Iraque e Irã ocasionou a perda de aproximadamente 4 milhões de barris de petróleo nos mercados mundiais, a terceira maior interrupção nos últimos sete anos. Esta crise demonstrou vivamente, mais uma vez, o valor de uma menor dependência na importação de petróleo e a contínua instabilidade na área do Golfo Pérsico." (CARTER, 1981)

A região do Golfo Pérsico era para os EUA fundamental para garantir os interesses geopolíticos americanos num contexto de Guerra Fria. Além da sua posição como *coração mundial da energia*, abastecendo o Ocidente com suas fontes energéticas, a região do Golfo ainda atuava como uma zona chave de ligação entre Oriente e Ocidente, fortalecendo sua importância num conflito bipolar. O Presidente Carter afirmou a importância da região em seu discurso:

"As interrupções causadas pela guerra Irã-Iraque servem como uma lembrança constante da crítica importância para nós, e para nossos aliados, de uma terceira zona estratégica que atravessa o Oriente Médio, o Golfo Pérsico, e parte do subcontinente indiano. A região da Ásia tem

servido como uma ligação estratégica e comercial entre o Oriente e o Ocidente há séculos". (Op. Cit)

Apesar da importância geopolítica do Oriente Médio como principal fonte de abastecimento energético mundial e zona de ligação entre Oriente e Ocidente, o Presidente Carter adotou publicamente um posicionamento neutro com relação ao conflito. O comportamento americano não intervencionista no primeiro momento do conflito entre Irã e Iraque poderia ser entendido a partir de três fatores fundamentais: a falta de influência americana em ambos os lados beligerantes; os interesses ocidentais fundamentais que seriam ameaçados pelo colapso político ou militar de qualquer um dos Estados; e finalmente, pelo perigo de uma intervenção direta americana servir de pretexto para um envolvimento soviético no Irã. (KING, 1987, p. 16)

Os EUA não possuíam relações diplomáticas nem com o Irã nem com o Iraque, e assim, tinham pouca oportunidade de influenciar qualquer uma das partes. As aspirações expansionistas do partido Baat de Saddam Hussein na região do Golfo Pérsico eram vistas com desconfiança pelo governo americano. Ao mesmo tempo, com a Revolução de 1979, os EUA perderam seu principal aliado na região e não tiveram tempo de reorganizar sua estratégia para o Golfo.

Os EUA estavam numa posição difícil. Apesar do ressentimento com relação ao Irã, a política americana se preocupava com um possível desmembramento do território iraniano. Em 28 de setembro, depois da adoção da resolução 479 da ONU, o embaixador americano McHenry reiterou a neutralidade dos EUA e o seu desejo de um acordo negociado. O embaixador defendeu, ainda, a necessidade da não interferência em assuntos internos por parte do Irã e do Iraque e declarou que a "*integridade nacional do Irã é hoje ameaçada pela invasão do Iraque*". (Op.Cit., p. 13)

Diante deste cenário, uma participação americana mais ativa no início do conflito não era justificada, já que os EUA não eram aliados nem possuíam relações diplomáticas com o Irã ou com o Iraque. Os EUA sabiam que uma guerra no Golfo traria transtornos principalmente no que diz respeito ao suprimento energético dos países aliados. No primeiro momento do conflito, o colapso de qualquer um dos regimes beligerantes desequilibraria a balança regional de poder no *coração energético mundial*, afetando negativamente os interesses americanos na região. De fato, seguindo a estratégia do *pluralismo geopolítico*, os EUA

deveriam impedir a emergência de uma potência regional no Golfo, e a vitória de qualquer uma das partes na Guerra Irã-Iraque significaria a ascensão de um líder regional na região.

No entanto, o fator preponderante para explicar a política de neutralidade americana no início da guerra foi o receio de uma possível intervenção soviética no Golfo Pérsico, “o medo de Carter era que Khomeini pudesse permitir uma penetração soviética no Irã”. (AMBROSE, 1999, p. 296) Em 1979, as relações entre URSS e EUA se tornaram ainda mais tensas devido à invasão da URSS ao Afeganistão, e, além disso, Moscou “estava agora numa posição militar mais vantajosa relativa ao Ocidente que nunca tinha Estado antes”. (TUCKER, 1988, p.2) Um período de aumento crescente de tensão entre os superpoderes parecia inevitável, “a dissuasão de 1970 tinha claramente entrado em colapso; uma nova guerra fria estava começando”. (Op.Cit.)

Neste contexto, uma guerra entre potências regionais no Golfo seria, no mínimo, prejudicial aos interesses americanos. Assim, a maior preocupação americana quando foi iniciada a Guerra Irã-Iraque era manter a União Soviética longe do conflito, como destacou o Presidente Jimmy Carter:

"Então, apesar da séria tensão em nossas relações, nós temos mantido um diálogo com a União Soviética durante o último ano. Através deste diálogo, nós temos nos prevenido de ambas as partes, contra faltas de entendimento e cálculo, os quais poderiam ter uma escalada fora do controle, e temos evitado a injeção de rivalidades dos superpoderes em áreas de tensão como a do conflito Irã Iraque". (CARTER, 1981)

3.5.2.

A contraditória estratégia do Presidente Reagan para o Golfo

O final do mandato de Carter foi um período de grande instabilidade política para os EUA, com a invasão soviética no Afeganistão e com o início do conflito no Golfo Pérsico. A percepção de que os soviéticos estariam em vantagem na balança de poder bipolar fez com que a estratégia americana para o Golfo fosse manter a URSS longe do conflito. Assim, o Presidente Carter preferiu adotar uma postura de neutralidade e não intervenção, evitando com isso, uma possível participação soviética na guerra. A administração do Presidente Reagan, no entanto, atuou de forma cada vez mais direta na Guerra do Golfo.

O Iraque estava na defensiva desde o verão de 1982. Uma possível vitória iraniana representaria uma vitória da República Islâmica, antiamericana, que passaria a controlar grande parte do abastecimento energético mundial. Deste modo, os formuladores de política externa americana,²⁸ procurando evitar uma vitória do Irã, preferiram apoiar o Iraque de Saddam Hussein. Segundo a administração do Presidente Reagan, o Iraque era a escolha "menos pior" no momento da Guerra. Seguindo esta política externa realista, Donald Rumsfeld, responsável pela inteligência militar americana para o Oriente Médio, encontrou-se com Saddam Hussein duas vezes em menos de sei meses.²⁹

A partir de 1982, a situação do Iraque na guerra se tornou difícil, uma vez que obtinha consecutivas perdas no campo de batalha. Mesmo com a falta de planejamento e de logística de guerra do Irã, o Iraque perdia em número e superioridade no poder de fogo, "1983 e início de 1984 foram tempos desesperados para o Iraque, como se ao olhar, o país pudesse ser vencido através da força dos números". (SEGAL, 1988, p. 955) O Iraque então, começou a utilizar uma política de defesa estática de "se manter a qualquer custo" no conflito, através do uso de armas de destruição em massa contra a ofensiva iraniana.³⁰

O uso de armas de destruição em massa pelo Iraque durante a guerra foi repreendido pela opinião pública internacional e pelas Nações Unidas. Uma missão da ONU foi enviada à área de conflito, atendendo ao pedido iraniano de investigação sobre o uso de armas químicas pelo Iraque. Em 12 de março de 1986, a missão concluiu que "em numerosas ocasiões, as forças iraquianas têm utilizado armas químicas contra forças iranianas". (KING, 1987, p. 20) A ONU banuiu a utilização de armas químicas em 1925 com o Protocolo de Genebra. Tanto o Irã quanto o Iraque assinaram o protocolo e, desta forma, o Presidente do Conselho de Segurança da ONU expediu um documento condenando o Iraque pelo uso de armas químicas.³¹

²⁸ Os chamados *realpolitikers* do governo do Presidente Reagan seguiam uma abordagem realista para conduzir a política externa americana.

²⁹ Donald Rumsfeld foi ao encontro de Saddam Hussein em 19 de Dezembro de 1983 e em 24 de Março de 1984.

³⁰ Nunca foi confirmada a utilização de armas de destruição em massa por parte do Irã durante a Guerra Irã-Iraque. Porém, segundo David Segal (1988, p. 956), "há evidências de que o Irã tenha utilizado armas químicas no campo de batalha, no ano de 1987".

³¹ A decisão de violar o Protocolo de Genebra por parte do Iraque não foi tomada de uma hora para outra. Em 1981, dois anos antes das armas terem sido usadas, o Iraque construiu três *bunkers* gigantes no subsolo de Bagdá para proteger a cúpula do governo de ataques químicos. (SEGAL, 1988, p. 956).

Apesar do uso de armas químicas pelo Iraque ter sido confirmado pela ONU, não houve, estranhamente, nenhuma resolução do Conselho de Segurança que retaliasse o Iraque e o impedisse de continuar utilizando armas de destruição em massa. A URSS e alguns países do Leste Europeu afirmaram que não era atribuição do Secretário Geral iniciar investigações sobre a utilização de armas químicas. Segundo King (1987, p. 21), uma das razões para explicar o comportamento passivo da ONU era o contexto em que o uso das armas químicas estava inserido. Os membros do Conselho da ONU atribuíam ao Irã a responsabilidade pela continuação da guerra, e acreditavam que "sob as mesmas circunstâncias, outros, talvez eles, pudessem usar tais armas". (Op.Cit.)

Os EUA não apresentaram um comportamento diferente dos demais membros do Conselho de Segurança da ONU. Ao mesmo tempo em que condenavam o Iraque por utilizar armas químicas no conflito contra o Irã, os americanos apoiaram a URSS, a França e a China a venderem armas convencionais ao Iraque objetivando prevenir uma vitória iraniana. (KEMP, 1989, p. 155)

O governo americano repreendia a utilização de armas de destruição em massa pelo Iraque nos discursos, por outro lado, apoiava o desenvolvimento e a utilização destas armas de forma direta junto a Saddam Hussein. A administração Reagan forneceu imagens de satélite com o posicionamento exato do exército iraniano para que o Iraque pudesse utilizar com mais eficiência as armas químicas e biológicas. "Os Estados Unidos apoiaram o Iraque na década de 1980 _quando Saddam utilizou gases contra curdos e iranianos_ e ajudou o Iraque a tornar mais efetivo o uso de armas químicas provendo imagens de satélites com as posições das tropas iranianas". (MEARSHEIMER & WALT, 2003)

O uso das armas de destruição em massa não afetou as relações diplomáticas entre Iraque e EUA. Donald Rumsfeld visitou pela segunda vez Saddam Hussein no mesmo dia em que a ONU divulgou o uso pelo Iraque de gás Mostarda e gás Tabun Nerve contra o Irã. (Op.Cit.) Além disso, a administração Reagan facilitou o desenvolvimento das armas químicas e biológicas pelo Iraque, "permitindo a Bagdá importar matéria-prima para produzir materiais como antrax, vírus West Nile e a toxina botulina". (Op.Cit.) A exportação de matéria-prima americana para a construção de armas químicas no Iraque com a licença do Departamento de Comércio dos EUA demonstrou que o mais importante para a estratégia

americana não era coibir a utilização de armas químicas e biológicas, e sim garantir que o Irã não ganhasse a guerra, tal como expresso no pronunciamento do Presidente Reagan:

"Os EUA possuem interesse vital no Golfo, assim nós não podemos permitir que um poder hostil estabeleça uma posição dominante lá, nós temos que manter uma parceria eficiente com os nossos amigos da região". (REAGAN, 1987c)

O uso de armas de destruição em massa pelo Iraque conseguiu conter o avanço do Irã, no entanto, ainda era preciso que o Iraque conseguisse avançar no campo de batalha. Devido ao influxo de armamentos soviéticos para o Iraque (SEGAL, 1988, p. 956) e o envio de tropas americanas para o Golfo, o Iraque conseguiu abandonar sua estratégia defensiva e estática por uma defesa mais móvel e flexível. (KEMP, 1989, p.150) Em abril de 1986, o Iraque conseguiu sair da sua posição defensiva e através de uma maior mobilidade pode tomar a ofensiva na guerra. O Iraque retomou a Península do Fao que estava sob o controle do Irã já há dois meses. Esta conquista do Iraque era muito importante porque era a primeira vez, desde 1982, que o Irã foi colocado em posição de defesa. Este novo momento em que o Iraque conseguiu retomar a iniciativa no campo de batalha só foi possível devido à participação direta dos EUA:

"Pode não ter sido coincidência que esta ofensiva iraquiana tenha acontecido no mesmo dia em que os EUA estavam mantendo a marinha iraniana completamente ocupada 300 milhas ao sul em um ataque americano a duas plataformas iranianas no Golfo". (SEGAL, 1988, p. 950)

O ataque americano era uma retaliação ao incidente de 14 de abril de 1986, onde a fragata americana *Samuel B. Roberts* foi atingida por uma bomba iraniana. Além das duas plataformas de petróleo *off shore*, o incidente com a fragata americana ainda custou ao Irã seis navios de guerra. O envio de tropas para o Golfo visava defender os *interesses nacionais vitais* americanos que estavam sendo ameaçados, uma vez que o Irã se aproximava da vitória militar. Os EUA não estavam dispostos a permitir que um inimigo ganhasse o conflito na região do Golfo Pérsico. A declaração do Presidente Reagan expressou esta preocupação:

"Este conflito ameaça os interesses estratégicos americanos, assim como a estabilidade e a segurança de todos os nossos amigos da região. Nós permanecemos fortemente comprometidos em dar apoio à autodefesa dos nossos amigos da região e recentemente movemos forças navais para o Golfo Pérsico para confirmar este compromisso". (REAGAN, 1987b)

O envio de tropas americanas através de navios de guerra para o Golfo começou em 1984 e contribuiu de forma definitiva para que o Irã concordasse em terminar com a guerra em 1988. Em 1987, a Europa Ocidental enviou suas próprias forças militares para o Golfo Pérsico. Tanto Europa quanto EUA tinham interesses e objetivos comuns na região do conflito: garantir o suprimento energético do Ocidente. Para tal era necessário colocar um fim no conflito, mas sem permitir a vitória do Irã. Desta forma, os EUA procuraram convencer o Irã a aceitar um cessar fogo mediado pelas Nações Unidas, fazendo a seguinte proposta presidencial: "Nós estamos determinados em auxiliar que a guerra tenha um fim o mais rápido possível, sem vencedores ou vencidos, deixando intactas a soberania e a integridade de ambos Irã e Iraque". (REAGAN, 1987a)

Finalmente, em julho de 1988 o Irã aceitou a Resolução 598 do Conselho de Segurança das Nações Unidas que previa o fim do conflito entre as partes beligerantes, através da execução de um plano de paz em dez pontos. O fim da guerra manteve as fronteiras internacionais sem nenhuma mudança. Dois anos depois do fim do conflito, Saddam Hussein reconheceu os direitos do Irã sobre a margem esquerda do rio Chat al Arab'.

No entanto, a política externa do Presidente Reagan e o envio de tropas para o Golfo foi controversa e recebeu muitas críticas. Em 1987, um navio dos EUA foi atingido por um avião de guerra iraquiano e matou 37 marinheiros americanos. Além disso, ocorreram muitos acidentes com navios americanos atingidos por bombas submarinas. "Em vários momentos o Presidente Reagan foi criticado pela operação no Golfo, particularmente porque a racionalidade para explicar a presença americana parecia baseada em uma lógica espúria". (KEMP, 1988/89, p. 150)

De fato, a estratégia desenvolvida pelo Presidente Reagan durante o conflito era, no mínimo, contraditória, uma vez que através do Irã-Contras enviou armamentos para o Irã, ao mesmo tempo em que ajudava o Iraque a conseguir armamento suficiente com a França, China e a URSS para se manter no conflito. (Op.Cit, p.155) A política de apoio ao desenvolvimento das armas de destruição em massa iraquiana demonstrou que não havia nenhuma preocupação da administração Carter com o número de vítimas da guerra ou com o nível de crueldade que seria empregada durante o conflito. Com relação ao apoio oferecido

pelos EUA e pelo Ocidente ao uso de armas químicas e biológicas por Saddam Hussein, Kemp asseverou:

“Muitas vezes durante a Guerra Irã-Iraque, um freqüente sentimento que se expressou no Ocidente era que de ‘quanto mais tempo durasse a guerra, melhor,’ desde que, é claro, o abastecimento de petróleo Ocidental não fosse interrompido e que os sensíveis ocidentais não fossem chocados por um filme de ataque a gás”. (Op.Cit., p. 156)

3.6.

Conclusão

A Guerra Irã-Iraque foi motivada por interesses geopolíticos em controlar áreas estratégicas. O domínio da margem esquerda do rio Chat al Arab' pelo Iraque objetivava a saída pelo Golfo Pérsico, uma rota de escoamento de petróleo para o Ocidente. O Cuzequistão, outra região em disputa durante a guerra, era uma região rica em jazidas de petróleo. Juntamente com a motivação de controle de fontes energéticas havia também a aspiração de domínio territorial do Oriente Médio, região que historicamente representou a ligação entre Ocidente e Oriente.

Antes da Guerra Irã-Iraque, os EUA não possuíam relações diplomáticas com o Iraque. Os *interesses vitais* americanos na região do *coração energético mundial* eram garantidos através de seus aliados Arábia Saudita e Irã. A Revolução Iraniana, porém, transformou as relações entre Irã e EUA; o antigo aliado era agora antiamericano, colocando fim na *Surrogate Strategy* que mantinha os interesses nacionais vitais americanos na região, através da manutenção de poderes amigáveis na região. O regime iraniano comandado pelo Aiatolá Khomeini declarou guerra aos costumes ocidentais, e pretendia afastar do Irã a *"influência impura do Ocidente"*, e principalmente dos EUA, *"a cabeça da serpente capitalista"*. O antigo parceiro comercial e principal aliado político do Irã foi transformado no *"inimigo número um"* da nação Islâmica que acabava de se formar.

Depois do golpe infringido pela Revolução Iraniana à estratégia americana para a região do Golfo, o início da Guerra Irã-Iraque foi mais um fator complicador para os EUA. Dentro de um contexto de Guerra Fria, a guerra entre duas potências regionais do Golfo Pérsico traria nefastas conseqüências ao abastecimento energético mundial. A região mais afetada seria precisamente a Europa Ocidental e o Japão, os maiores importadores dos recursos energéticos do

Golfo. Para os EUA representava uma interrupção no abastecimento dos seus mais fortes aliados no contexto de guerra bipolar.

Deste modo, a escolha americana de neutralidade no primeiro momento do conflito era justificada pelo medo de uma intervenção soviética numa zona tão sensível. Uma intervenção direta da URSS no conflito representaria o controle soviético da principal fonte de abastecimento energético ocidental. Sem a energia proveniente do Golfo Pérsico o Ocidente entraria em uma nova crise de abastecimento, o que significaria uma nova crise econômica.

Para evitar uma vitória do Irã de Aiatolá Khomeini, os EUA passaram a apoiar o Iraque na guerra. O envio de armamentos europeu e soviético garantiu uma superioridade qualitativa das tropas iraquianas durante a guerra, porém, a superioridade quantitativa do efetivo militar iraniano não foi facilmente superada. A partir de 1982, a força do exército do Irã colocou o Iraque numa situação muito difícil, e por seis anos o Irã esteve na ofensiva da guerra dentro do território iraquiano. Coagido, o Iraque começou a utilizar armas químicas contra as tropas iranianas com a omissão do Ocidente. Apesar da repreensão das Nações Unidas ao uso de armas de destruição em massa pelo Iraque, nenhuma ação objetiva foi tomada pelo Conselho de Segurança da ONU para retaliar o governo iraquiano e garantir que tais ataques químicos não ocorressem mais.

Em vista da resistência das tropas do Irã que continuaram obtendo vitórias importantes no campo de batalha, a partir de 1984, os EUA começaram a participar mais diretamente no conflito. O envio de tropas navais americanas para a *coração energético mundial* foi determinante para acabar com a ofensiva iraniana. Ainda que a força naval americana tivesse o objetivo de "*garantir a segurança dos amigos dos EUA na região*", ela foi responsável por destruir pelo menos duas plataformas petrolíferas *off-shore* do Irã e uma dezena de navios de guerra iranianos.

A venda de componentes químicos para o desenvolvimento da indústria de armas de destruição em massa iraquiana e o incentivo da venda de armamentos europeu para o Iraque ajudou o Iraque a não perder o conflito para o Irã. Finalmente, a partir de 1984, os EUA iniciaram uma intervenção direta com o envio de tropas para o Golfo. Na Guerra Irã-Iraque, a estratégia americana procurou um resultado 'menos pior' para os interesses americanos, uma vez que nenhum dos Estados beligerantes era um aliado americano. Durante o conflito,

porém, o apoio americano destinado ao governo de Saddam Hussein tinha como objetivo impedir a vitória do Aiatolá Khomeini, inimigo declarado do Ocidente.

No entanto, o episódio do Irã-Contras demonstrou que o objetivo americano não era ajudar o Iraque, seu atual aliado na região, e sim garantir o *interesse nacional vital* americano na região do *coração energético mundial*. Com esta dupla estratégia, os EUA evitariam o fortalecimento de ambos os Estados, o Irã e o Iraque. Deste modo, a contraditória estratégia dos EUA ao ajudar o Iraque, enquanto vendia armas secretamente ao Irã, procurava evitar que tanto o Irã quanto o Iraque saíssem vencedores do conflito, e com isso, se tornassem líderes da região.

O resultado da Guerra Irã-Iraque foi desastroso para ambos os Estados beligerantes. O Iraque, porém, tinha aumentado seu potencial bélico através do envio de armamentos internacionais e desenvolvido seu projeto de armas de destruição em massa. A invasão iraquiana ao Kuwait em agosto de 1990, apenas dois anos após o fim da Guerra Irã-Iraque, determinou outra mudança na política externa americana. O Iraque, aliado americano na Guerra Irã-Iraque, era agora o mais novo inimigo do *interesse nacional vital* dos EUA.